VICTORIAS-REGIAS

DE

MARANHÃO SOBRINHO

(DA ACADEMIA MARANHENSE DE LETTRAS)

TYPOGARPHIA A VAPOR DA LIVRARIA COMMERCIAL

J. R. DE MELLO

EDICTOR **CARLOS PORTAL**

AMAZONAS—19[illegible]

VICTORIAS-REGIAS

Ao seu velho e dedicado amigo
e illustre confrade

Manoel Jacintho da Camara

O. D. C.

Maranhão Sobrinho

Obras de MARANHÃO SOBRINHO

PUBLICADAS EM LIVRO

ESTATUETAS (poesias) . . . . 1 volume
PAPEIS VELHOS (poesias). . . . . 1 »
VICTORIAS-REGIAS (poesias) . . . . 1 »

EM VIA DE PUBLICAÇÃO

SINHÁ BORGES (contos). . . . . 1 volume

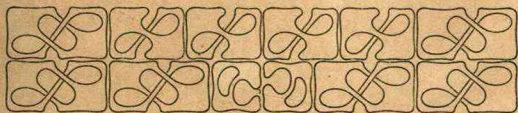
Maranhão Sobrinho, nasceu na Barra
da Corda, Maranhão, a 25 de dezembro
de 1879, faleceu em Manaus, Cachoei-
rinha, a 25 de dezembro de 1915, exa-
tamente quando completava 36 anos.

TABOA

...Io mi son un che quando
amore spira, noto, e in quel modo
ch'ei detta dentro, vó significando...

DANTE

Oui, dormir et rêver! Ah! que la vie est belle
quand un rêve divin fait sur sa nudité
pleuvoir les rayons d'or de son prisme enchanté!

A. DE MUSSET

BALLADA ALLEMAN

QUEM galopa a esta hora,
da noite na gelada escuridão,
sob a chuva tristissima que chora
e o vento que soluça na amplidão ?

Pelo terror das sombras desgrenhadas
as arvores, movendo os soberanos
galhos, aos golpes frios das rajadas,
têm gemidos humanos. . .

Vôa, sobre um corcel desenfreado,
no silencio da noite, um cavalleiro
contra o peito apertando o filho amado,
sem sombra de escudeiro.

Com as mãos ambas e o rosto
o loiro infante da intemperie abriga;
seu manto, pelo vento decomposto,
a cada instante as faces lhe fustiga.

—"Pae, occulta-me o rosto, por piedade!"

—"Para que pedes que t'o occulte, filho?"

—"Não vês o Rei, na grande tempestade,
brandindo o sceptro de oiro, cujo brilho
offusca os raios, como um pobre louco,
no seu manto de púrpura embuçado,
a cabelleira esparsa ao vento rouco,
sobre um cavallo negro, ao nosso lado?"

—"Não tenhas mêdo, filho, que é somente
uma nuvem que aos olhos te apparece
e que, á negra borrasca impenitente,
aos poucos se esvaéce..."

—"Vem commigo sem mêdo, ó pobre infante!
os olhos no meu reino embriagar
na opulencia mais viva e mais brilhante!
Vem teus olhos poisar
sobre os campos de flôres animadas
meus, abertos ao sol como um thesoiro,
onde ha arvores lindas carregadas
de lindos fructos de oiro!"

—"Pae, não ouves agóra o que, baixinho,
me diz o Rei? Escuta um pouco, attento..."

—"Não oiço voz humana .. No caminho
somente escuto o regougar do vento
torcicolando as frondes assombradas.
Não tenhas mêdo..."

—"Infante, vem commigo!
São brancas como as longas cumeadas

dos montes minhas filhas! Mais que o trigo
são loiros seus cabellos! A' nocturna
dança te levarão em companhia
das fadas, na clareira mais soturna
do bosque e, sobre as aguas de ambrosia
do lago, irás com ellas, lindo infante,
passar felizes horas esquecidas..."

—"Não vês, ó pae, de nós pouco distante,
entre as chorosas frondes sacudidas,
do Rei as filhas pallidas dançando,
na noite escura como os pesadellos,
vestindo neve e as faces occultando
nos compridos cabellos?"

—"Meu filho, eu vejo bem,
mas ninguem entre as sombras transparece;

por esta noite não se vê ninguem...
O que vês são salgueiros, que embranquece
a neve e o vento atroz morde, e mais nada..."

—"Meiga creança! eu gosto do teu rosto
e dos teus olhos gemeos da alvorada,
suaves como o ceu, quando sol-pôsto...
Gosto dos teus cabellos como o trigo
maduro, de oiro, e brando como os velos!

Vem, nesta feia noite, ter commigo,
ver a riqueza que nos meus castellos
existe, nos dez mil, á beira mar,
erguidos todos, onde o sol descáe!
Se teimas em jamais me acompanhar
te arrancarei dos braços de teu pae..."

—"Pae, o Rei quer levar-me! O Rei me arranca
dos teus braços, do teu paterno seio!
Corre! Mais forte o teu cavallo espanca!
Se visses como o Rei é grande e feio..."

E o pobre cavalleiro
mais forte o seu corcel fustiga louco,
que, como o vento, a galopar ligeiro,
risca á porta do lar, tremente, em pouco,

sob a chuva que cáe e o vento frio
que passa as frondes tontas desgrenhando,
num cortante assobio,
o horror das trevas densas augmentando...

E tanto o filho aperta contra o peito,
de mêdo, o cavalleiro, de tal sorte,
que ao descobrir-lhe o rosto, satisfeito,
empós, o vê gelado pela morte,

emquanto, pelas trevas, desgrenhadas
as arvores, movendo os soberanos
galhos, aos golpes frios das rajadas.
têm gemidos humanos...

ENTRE SALGUEIROS

AQUI, com azas passionaes nos ramos,
em Maio, mez de rosas e noivados,
nosso primeiro beijo permutamos,
dos nossos proprios sustos assustados...

E aqui mesmo (que sól e que recamos
no azul daquella tarde, ó namorados!)
pela primeira vez nos abraçamos
com censura dos lirios despeitados...

Cuidei que de esse instante eu me esquecesse,
mas inda, agora, á mesma luz, o vejo
como se a um breve instante decorresse...

Mas não se esquece nunca um breve espaço
o amôr divino do primeiro beijo
e a febre intensa do primeiro abraço!

O CORAÇÃO DO MAR

NO tempo em que eu amava
a minha vida era um pezar sem termos:
se o meu bem dos meus olhos se apartava,
o mar somente e a doce paz dos ermos
a minhalma buscava.

Um dia, quando triste eu desfazia
os meus suspiros intimos ao vento
e o mar queixoso e desolado ouvia,
beijando os olhos seus no pensamento,

perguntou-me piedoso o velho mar,
vendo-me triste num rochedc nú,
tão nú como de amôr hoje este olhar:

—"Porquem suspiras tu?"

E eu respondi gemendo,
com a voz como a de um passaro ferido,
nas magoas do oceano as minhas vendo
e ouvindo o meu amôr chamar-me ao ouvido:

—"Eu, mar amigo, como tu, tambem
soffro! Hoje sou tambem como tu és...
suspiro pelo meu saudoso bem!"

E o mar rugiu-me aos pés...

Passou-se muito tempo; a que eu queria
esqueceu-me feliz por outro amôr,
disse-me adeus ingratamente um dia,
e eu só fiquei com a minha immensa dôr...

Para esquecer a minha atroz saudade...
minto! no sonho de inda um dia a vêr,
deixei, na paz da sua santidade,
o ninho alegre que me viu nascer...

E andei, ancioso andei...

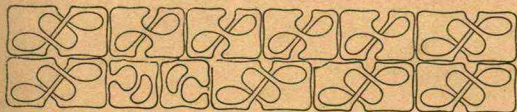
Numa noite de magoas, insoffrida,
entre piedosas lagrimas, sonhei
que te exhalavas, minha mãe querida!

Sem esperanças mais de ver-te, então
com desesperos limpidos no olhar,
eu fui pedir ao mar consolação,
eu fui pedir consolação ao mar,
sobre o mesmo rochedo antigo e nú.

E, de novo me vendo suspiroso,
—"Porquem suspiras tu?"

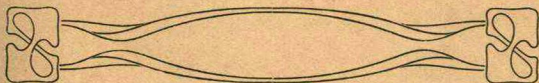
perguntou-me com furia o mar ondoso.

E eu respondi-lhe:
—"O' mar, dá-me o teu seio!
Hoje o teu seio ao mundo atroz prefiro...
Se ainda amigo dos que soffrem és,
arranca-me esta dôr de que ando cheio!
E' morta minha mãe, porquem suspiro..."

E o mar beijou-me os pés!

COVEIRO

VELHO coveiro amigo!
tem paciencia, cava mais ainda
e alarga mais o derradeiro abrigo
onde da morte a quieta noite infinda
irei breve dormir!

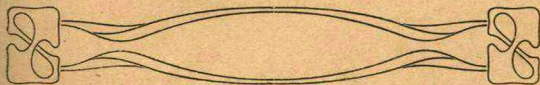
Como me aterra
agora mesmo a vastidão do nada!
Pouco importa! Mergulha mais na terra
a tua velha enxada!

Quanto mais ampla fôr,
coveiro a minha funeral mansão
melhor, que das amantes o calôr
dilatou-me demais o coração...

BAIXEL SEM RUMO

De vaga em vaga, como um curvo esquife
de onda em onda, a vencer um mar em furia,
meu sonho, as velas em cruel penuria,
bateu do amôr no intermino arrecife...

Que a velha nau, do mar á eterna injuria,
a quilha contra as rochas espatife
e os mastros, como o pico Tenerife
altos, de côr homerica e purpurea!

Desejos, ó gageiros meus! á adriça
a bandeira tremente de perdidos,
emquanto o mar em furia se espreguiça!

E, ó alma em desespero, que naufragas,
morre, e os teus sonhos boiarão sentidos,
como as meduzas sobre a flôr das vagas...

DO HORTO AO CALVARIO

EMQUANTO os onze apostolos, no Horto,
em paz dormiam, sem temor, velava
o Mestre, que, em supremo desconforto,
os suspiros do peito desfolhava...

O ceu pesado de um silencio morto,
em confidencia as preces lhe escutava;
resplandecia o seu olhar absorto
como as estrellas vivas que fitava!

De subito um rumor se faz: voltou-se,
e, á luz rubra dos fachos dos tyrannos,
o seu perfil divino destacou-se...

E as oliveiras, tremulas e mudas,
viram-o, no meio dos pretorianos,
corresponder ao osculo de Judas...

II

NO Pretorio Jesus, loiro e sereno,
entrou. De toda a parte as ironias,
num abafado rumor surdo e obsceno,
chegavam-lhe aos ouvidos, frias, frias...

Diz-lhe o pretor de cesar:—“Nazarethno!
accusam-te de que dos deuses rias
e que, ao povo ensinavas que, a um aceno,
derrocavas o Templo e, empós, o erguias!

Em verdade disseste ás turbas que eras
filho de um deus e que, á sua mão direita,
mais que os augustos césares, imperas?”

—“Tu o dizes...”
Jesus lhe diz o ouvindo,
e os olhos para os ceus divinos deita,
mesmo entre o pranto, sem saber, sorrindo...

III

APUPAM-NO, á rua da Amargura,
os tôrpes phariseus e os publicanos,
vendo-o tão triste e em tão cruel postura...

Pobre da pomba em meio de milhanos!

Vai cançado demais, que mal segura
os passos; e, ás blasfemias dos insanos,
instaga-no, batendo-o, a mão impura
bronzea e incançavel dos pretorianos!

Para dos olhos enxugar o pranto
e o suor que lhe cobre o rosto amado,
uma santa mulher lhe estende o manto.

Limpa-os Jesus, mais bello decomposto,
e, como em nós seu amôr deixou gravado,
deixa, no manto, a imagem do seu rosto...

IV

NOS braços hirtos de uma cruz, ladeado
por dois ladrões, dois tôrpes malfeitores,
Jesus, da fronte aos pés alanceado,
ouve da turba os blásfemos rumores.

—"Agora desce de onde estás pregado
(dizem), pois não dlsseste já aos Doutores
derruir o templo e dal-o edificado
em tres dias, Rabbi? Poupa estas dôres...

—"Perdoai-os, meu pae, que elles não sabem
o que fazem...
Jesus geme pedindo,
antes que os guardas de falar acabem.

E de uma sombra expessa, sem exemplo
cobre-se o céu; depois, se dividindo,
rasga-se o véu de púrpura do templo...

VERSOS INTIMOS

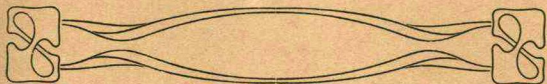
AMANHAN, quando o sol te procurar no leito,
para beijar-te o colo, a bocca em flôr e o peito,
o sol, que é meu rival e é teu perdido amante,
quanto estarei sem ti! quanto estarás distante,
andorinha do amôr, que, em tarde doce e calma,
vieste, um dia, adejar nas torres da minhalma!

E o sol não te encontrando á hora costumada
em que vem te trazer dos rosaes da alvorada
as rosas que primeiro as pétalas suaves
abrem, quando no céu escorre a voz das aves
alegres, como um doce e generoso vinho
fortemente embriagando os ramos do caminho,
debalde correrá ciumento a casa inteira,
que a tua voz inda guarda e ao teu corpo inda cheira,
e, com a alma de luz pallidamente morta,
virá, certo, bater-me apaixonado á porta
e me perguntará com voz altiva e irada:

—"Onde escondeste tú a minha bem amada
que é o desejo dos meus mais intimos desejos,
das caricias reaes dos meus perdidos beijos?
Dize-me onde occultaste a perola de escol
que um dia engastarei ao meu sceptro de sol?
Eu quero a minha amante, o meu real thesoiro..."

E eu que direi depois ao teu principe loiro,
ardente de paixão e ardente de ciume,
doido por aspirar, hausto a hausto, o perfume
da amphora ideal de tua carne mimosa
que, beijada, me sabe a mel, a leite e a rosa?

Dizer-lhe que te fôste, embalde lh'o direi,
não me acreditaria uma palavra, eu sei...

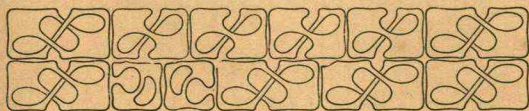
Bem podias poupar-me a essa magoa imminente,
ó lirio ao meu amôr querido e indifferente!
Deixa que o sol te encontre amanhan no teu leito,
para beijar-te o colo, a bocca em flôr e o peito...

NUMEROS

I

VENDO o rio passar, beijando os ramos
das margens, sob a paz do entardecer,
quando da luz os ultimos recamos
vão, no occaso, tristissimos morrer,

ponho-me, ás vezes a pensar, amôr,
que as nossas mutuas lagrimas, vertidas
pela cruel pressão de tanta dôr,
doce e piedosamente recolhidas
dariam para encher de transparentes
aguas, um grande alvéo fundo e sombrio...

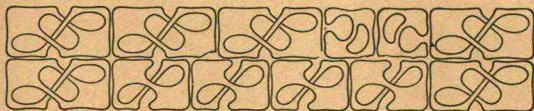
Mas, como gemeria, aos sóes poentes,
das nossas mutuas lagrimas um rio!

II

QUE será mais ligeiro do que o vento
e do que o mar azul mais inconstante?

—"A aza do pensamento,
direis, que, num segundo, á mais brilhante

estrella ascende e desce do oceano
ao silencio da immensa profundez,
dos coraes e das pérolas ao arcano,
com maior rapidez..."

O que ha mais inconstante do que o mar
só eu posso dizer!

Que o mar de escolhos,
que vem nas brancas praias se quebrar,
só conheço seus olhos...

III

AS nuvens vão passando,
algumas brancas, côr de rosa algumas,
mas todas como, sobre o mar boiando,
as flôres das espumas
sobre a opala das vagas deslisando...

Quem poderá vôar
mais ligeiro que as nuvens? No nascente
sobem... Eil-as que vão já se abysmar
na linha sinuosa do poente
em que a hortensia do sol vai se fechar!

E as nuvens vão fugindo
pelos espaços curvos e tristonhos,
uma após outra, aos poucos se sumindo...

Foram-se assim tambem meus doidos sonhos,
um dia, á mansa luz de um poente findo...

IV

CHEGOU o inverno frio,
alagando os valados e os caminhos
e affogando a garganta azul do rio...

Adeus, canções dos meigos passarinhos!

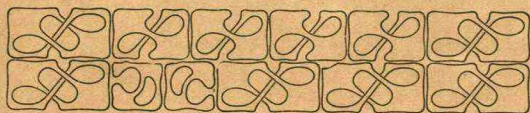
rosas, adeus! adeus, manhans doiradas
de sol! perfumes dos vergeis em flôr!

Que saudades das noites estrelladas,
ó meu secreto amôr!

Que ouves tu, patativa? Escuta! Nem
entre as frondes uma aza bate... A morte
com o pumbleo e desolado inverno vem!

Que o ceu me dê mais sorte

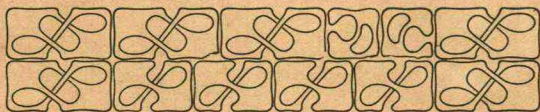
que aos pobres e innocentes passarinhos,
nesta sombria e gelida estação...

Que não fique vasio, como os ninhos,
do teu amôr meu pobre coração!

BUCOLICA

DOMINGO!
Que perfume pela mata,
como um vinho pagão doirado, pelos
ramos escorre! A múrmura cascata
tinge de verde os liquidos cabellos...

No azul tranquillo, scintillando a prata,
passam, leves, em multiplos novelos,
as nuvens. Quanta voz não se desata
dos ramos, em vibrantes ritornellos!

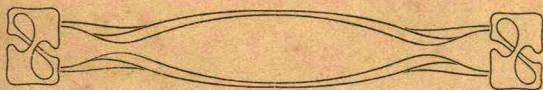
Domingo...
Vamos, á manhan radiosa,
correr pelos caminhos orvalhados
e verdes! Vem. Desperta, ó preguiçosa!

Vem, que, por ver-te, ha lagrimas nas fontes
e os lirios, de esperar-te já cançados,
morrem de tristes no pendor dos montes...

CHROMO

ALEGRE como o sol, entre lianas
em flôr, do rio a se embeber na linha,
do verde para-sol das igaranas
debaixo, ri-se a nitida casinha...

De um lado, no canteiro, que maganas
rosas de sangue! A tarde se avisinha
e não lhes ganha a côr! Como as japanas
enrediças rescendem de tardinha!

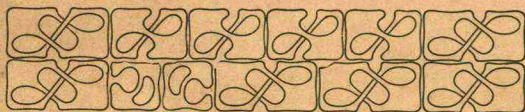
Do lado do poente, que se perde,
a roça, á terra fresca trescalando,
estende do arrozal o manto verde...

Emquanto, á beira dagua azul e de oiro,
ha roupas brancas, em estendal, manchando
o verde de setim do coradoiro...

NOCTURNO

A noite, no seu peplum de violetas,
baixa dos altos pincaros chorando,
com os astros dentro das pupillas pretas,
como lotus num lago fluctuando...

Das tristezas as funebres vinhetas
descem nas aguas do riacho brando...
Onde as nuvens das doidas borboletas
que andaram todo o dia matizando?

As azas dormem, na mudez dos ninhos,
fechadas. Vão pingando os pyrilampos
reticencias de luz pelos caminhos...

E, em pouco, da amplidão profunda e núa,
doirando os valles e alagando os campos,
desce o perdão de lagrimas da lúa...

MATINAL

MANHAN de sol. A verde ramaria
palpita de azas, como a luz, doiradas
(assim tuas tranças são tambem, Maria,),
e ha papoilas abertas nas estradas...

Ao ver-nos braço a braço, que ironia
chove das verdes frondes enfeitadas!
"Bonito!" diz um bem-te-vi. "Bom dia!"
os pintasilgos cantam. Que risadas!

Se os olhos para o azul levanto.—"Aquelle
é poeta!" escuto. "Como está radiante!"
dizem comtigo os sabiás. "Ai de elle!"

E têm rasão os sabiás, Maria!
porque no mundo não ha mulher constante,
e tu bem podes me esquecer um dia...

O silencio da noite é doce e nos convida
á evocação...

E, empós, as refregas da lucta,
quando a morte se põe bem defronte da vida,
com a fronte entre as mãos, o bravo do recruta
scismava, e, dentro dalma, o quadro refazia
do sertão que deixara: a casa, entre juremas,
branca, de palha, vista ao descambar do dia,
quando escorre no azul a voz das siriemas
e o gado vem descendo a verde serrania,
mugindo, em direcção do pateo dos curraes;
o riacho a cantar monótono e sombrio
entre o verde esplendor de amplos cannaviaes
de soberbos pendões...

Do outro lado do rio
via a casa da noiva: o quintal, a moenda
a ranger mastigando a canna. Aves, aos chilros,
vinham vêr, do beiral da casa, fazer renda
a moça, de tardinha. O tré-tré-tré dos bilros
do outro lado se ouvia, e se ouvia a sua voz
subir pela amplidão, dolente e apaixonada...

O' que viva saudade! O' que saudade atroz!

Quando a deixara, Ignez trazia na almofada
a fronha que, a cantar e a sorrir, cuidadosa
bordava para o seu casamento, cercada
de bonitos botões entreabertos de rosa...

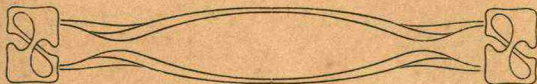
E se elle nunca mais, por negra sorte, um dia,
regressasse da lucta á paz christan da terra?
quem naquelle primor feliz encostaria
a cabeça, feliz de amôr? Maldicta guerra!
Maldicta condição a do soldado, aquella
que lhe roubava o amôr, a luz do coração!

E, subindo na noite, a voz da sentinella
com o brado—alerta!—encheu as sombras da amplidão.

Depois via, com as mãos postas no peito, em cruz,
a mãe deante do altar, com os olhos marejados
de lagrimas, pedir por elle ao Bom-Jesus
com os olhos de dôr nas orbitas velados

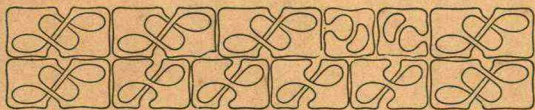
tão meigo, da tardinha aos ultimos arrancos.
E como ella chorava! E como ella pedia!
Se podesse beijar-lhe os seus cabellos brancos...

E na blusa enxugou uma lagrima fria!

Que saudades da mãe, que o ficara esperando
e o viera deixar na curva do caminho
que passa ao pé do morro! O rio, soluçando,
parecia dizer-lhe em lagrimas, baixinho,
vendo-o triste partir, naquelle atroz momento
em que o pranto aflorava aos mortos olhos seus,
com desolada voz, com desolado accento:
«Dá-me o ultimo adeus! Dá-me o ultimo adeus!»

VOZES DO PÔR DO SOL

AVÈ, Maria!
—Avè, Maria!
—Avè, Maria!
com voz de sêda, tremulas, suaves,
no verde coração da ramaria,
suspiram, se aquietando as brandas aves,
quando se fecha a ópera do dia...

Curvam-se, em prece e em lagrimas, as frontes,
vendo a noite do ceu cahir e ouvindo
o heptacordium de crystal das fontes
tambem a mesma prece repetindo
ao sol que morre por detraz dos montes...

E, embebidos de limpida poesia,
os lirios, sobre as hastes ajoêlhados,
dizem, pelo pendor da serrania,
com os sonhos dentro dalma desfolhados:
—Avè, Maria!
—Avè, Maria!
—Avè, Maria!

CONSOLAÇÃO

COMO pensas! O eterno soffrimento
não nos maltrata a nós somente: as aguas
porque choram? porque soluça o vento?
Por toda a parte desabrocham magoas...

Por toda a parte o desespero lento,
que nós ambos trazemos deixa fragoas
e afflicções negras como um firmamento
de tempestade: nos meus olhos trago-as...

Quantas vezes não tens, formosa, ouvido
a voz do mar! Sua magoa é verdadeira;
o mar soffre tambem. Toma sentido!

Toma sentido: os proprios passarinhos
se lhes chega a faltar a companheira,
morrem cantando no frouxel dos ninhos...

TERRA DO CORAÇÃO

DE pé, fitando o espaço azul, fitando
as nuvens sobre a núa penedia,
que o mar desbasta, furioso ou brando,
sinto, n'alma, uma doce nostalgia...

E, vendo as azas se embebendo, em bando,
na luz do occaso, onde adormece o dia,
de outras azas num céu mais outro e brando
vêm-me saudades e uma dôr sombria...

E, emquanto o mar—o desolado monge—
soluça as suas orações piedosas,
minhalma vai, em flôr, para bem longe...

Desabrochando, á dôr, que lhe dá azas,
ouvir gemer as rôlas suspirosas
da minha aldeia no beiral das casas...

ESPERANDO-TE

PASSAM voando as horas...
E, a despeito
de decorrido o instante costumado
em que vens repoisar sobre o meu peito,
te espero ainda, ó lirio do peccado!

Debalde, ancioso, o olhar á porta deito
em busca do teu vulto illuminado!
E os travesseiros frios do meu leito,
que é teu, aperto e beijo e o cortinado...

Depois, vencido de infernal ciume,
penso em sahir, e sinto, no ar, incertos,
vagos e doces tons do teu perfume...

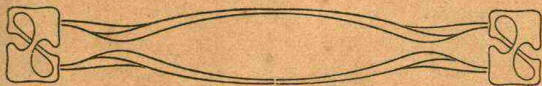
E chegas, toda a casa perfumando,
com os braços nús e os labios nús abertos
de desculpas e beijos transbordando...

NOITE DE INVERNO

CHOVE... A noite, do valle ao firmamento,
é como a tinta dos mortaes peccados...
Passam, gemendo, as orações do vento
por entre os troncos de pavôr gelados!

O rio, brando outrora e azul, violento
enche, agora, as encostas e os vallados
de soluços de dôr. Que soffrimento
entre as azas não vai, pelos serrados!

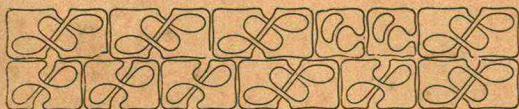
De quando em vez um zigue-zague de oiro
risca o alto de chumbo, apavorando
a noite negra com seu céu de agoiro...

E, mal sua luz phantastica se acaba,
passa, entre as nuvens, um trovão rolando
sobre o fragôr de um cedro que desaba...

CORAÇÕES

Ó corações que, ao sol, pelas estradas,
passais, a rir, felizes e serenos!
nos labios abafai vossas risadas,
ou, em respeito aos outros, ride menos...

Mal sabeis que a alegria, de doiradas
azas, dura um momento com seus threnos,
vivendo a vida azul das alvoradas
nos espaços de luz e aromas plenos...

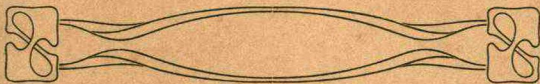
O que, nesta manhan, é luz e aquece
e acorda do seu somno a alma sombria,
á tarde como as cinzas arrefece...

Que é condição da eterna natureza,
por uma simples hora de alegria,
cobrar annos perdidos de tristeza...

A ESCUNA

BRANCA e leve, a enxugar as velas á ardentia
do almo sol do equador, após longes derrotas,
a escuna, baloiçando os mastros, na bahia,
embala-se, e em redor esvoaçam-lhe as gaivotas...

A costa negra, sempre em pôdre calmaria,
e as brancas vastidões dos dois pólos remótas
correu, como um albatroz que oppõe á ventania
as azas curvas como as velas das galeotas...

Agora a leve escuna, ao sol no azul, serena,
descança, esbelta como os cysnes de alvos colos,
com a flammula a vôar no mastro da mezena.

Branca, a embalar-se á luz do mar de varia côr,
dá-nos a imagem de uma ave branca dos pólos
banhando-se na luz de zarcão do equador...

VALLE SAGRADO

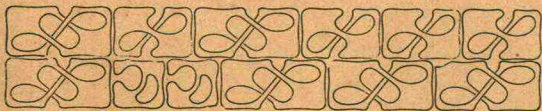
I

ESTE é o valle da Terra Promettida
de vinhas de oiro e túmidos ribeiros
de leite e mél onde o Senhor a vida
julga estender por seculos inteiros...

Quanta deserta areia resequida
não pizamos, aos sóes e aos traiçoeiros
simouns, para encontrar esta guarida
guirlandada de cedros e loireiros!

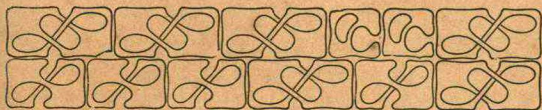
Aqui é a gleba santa que o Senhor
da sagrada Israel dos nossos sonhos
encheu de bençãos para o nosso amôr.

Sim! Repoisemos no torrão bemdito
sem nos pesar o tempo em que, tristonhos,
fecundamos de lagrimas o Egypto ..

II

QUANTO soffremos no caminho, a incertos
oasis a pedir fontes viçosas,
aos fulvos ceus de bronze descobertos,
sem nuvens, como um roseiral sem rosas...

Depois a areia solta dos desertos
e as noites, entre sombras assombrosas,
e os espelhos jaspissimos abertos
de agua sobre as miragens mentirosas...

(Que o Senhor simplesmente nos comprehenda!)
Na Terra Promettida, que se adorna
de luz, armemos nossa pobre tenda!

Não de agua mais, aqui, tenho desejos,
mas de tua bocca! Em minha bocca entorna
o teu sagrado cántaro de beijos!

VESPERAL

CÔR de sol. A ramaria,
vendo as sombras, extremece,
e os lirios, de alma sombria,
se preparam para a prece...

A noite da serrania
de joêlhos chorando, desce,
vendo que a hortensia do dia
fecha as folhas e adormece...

Vibram no azul as Trindades,
dentro de nós desfolhando
saudades sobre sandades...

Pelos ceus os olhos corro,
e vejo a lúa subindo
branquinha por trás do morro...

O ENTERRO

Do sêrro galgando o flanco
vai o enterro pequenino:
as creancinhas de branco
e azul o caixão franzino.

O sol, num ultimo arranco,
doira o valle esmeraldino
e o rio, em cujo barranco
fica a ermida. Canta um sino...

Azas de pombas na altura
tatalam, de par em par,
das casas sobre a brancura...

E os lirios vendo o caixão
dizem, tristes a chorar:
«coitado do nosso irmão!»

PRECE

VIRGEM Maria
celeste e pura!
meus passos guia
na desventura...

De noite e dia,
da magoa escura,
só me desvia
tua luz segura!

Serena e casta!
dos tristes males
minhalma affasta

com os olhos teus,
ó flor dos valles
azues de Deus!

ESTRANGEIRA

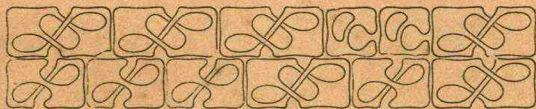
CHEGASTE, e todo o valle aberto em flores
vibrou cantando e, nas manhãs mais raras
de sons, a harpa serena dos amôres
teve canções mais loiras que as searas...

Quando, amanhã, do nosso amôr te fôres,
do rio as brandas aguas doces, claras,
perderão para sempre as vivas côres
e saberão a lagrimas de amáras...

Porque te vais, ó pallida estrangeira?
Fica perto de mim, dando calor
dos meus sonhos á limpida lareira...

Fica, pois se de aqui te fôres, hão
de os valles verdes não nos dar mais flôr
e as ribeiras, de tristes, seccarão...

ODE A PORTUGAL

I

O Portugal de vinhas e trigaes,
grande no amôr, inda maior nos feitos!
que alegria diviso em teus casaes,
á sombra dos ulmeiros satisfeitos!
Que brandos sons doirados, matinaes,
percorrem como um sonho, almas e peitos
dentro de ti, ó Portugal distante
e alegre, sempre Poeta e Navegante!

Refulge agora, como, antigamente,
na rubra cruz das Quinas refulgias,
quando levavas ao remoto Oriente
teus heroicos baixeis, ás calmarias!
Ergue de novo a insubmissa frente,
vive outra vez os teus passados dias
ó Portugal, que, a velas e peloiros,
venceste Mares e venceste Moiros!

De novo empunha a lyra de Camões
e celebra os teus feitos mais que humanos
ás novas e ás ardentes gerações
aos ardentes e novos lusitanos!
Outra vez de tuas náos, ás amplidões
dos mares, abre os gloriosos pannos,
como heroico fizeste antigamente,
Portugal da Ethyopia e do Oriente!

Que maior gloria e mais eterna fama,
um dia, offuscarão tua fama e gloria,
que o mundo inteiro unisono proclama
pelos clarins clarissimos da Historia?
Não foste o berço de um Cabral, de um Gama,
dos Castros e Albuquerques, que a memoria
jamais póde esquecer, ó Portugal,
que deste ao mundo o genio de Pombal?

Patria de Dom Diniz, o lavrador,
que venceste do Moiro as cimitarras,
de macieiras a sorrir em flôr
sob um céu de oiro a refulgir em barras,
quanto no coração possues de amôr!
Que respondam tuas languidas guitarras,
teus fados a escorrer brandas meiguices,
ó patria em que pisou primeiro Ulysses!

Ha seculos dormias, repoisado
na criminosa inercia de teus reis,
como um leão vencido e manietado,
contra a grandeza das humanas leis,
e, hoje, te ergues, em clara luz banhado,
e entre laureis mais virides te vês,
ó Portugal, ó Prometheu do Occeano,
ó grande Portugal republicano !

Ao sangue dos teus martyres sagrados
hoje levanto a minha lyra errante,
com meus sonhos de moço ajoêlhados,
dentro do peito, que te vê distante,
nos longes horizontes affastados,
a brilhar, como o sol, instante a instante,
ó Portugal, ó velho marinheiro
dos galeões de Dom Manuel I.

Ergue, de novo, a lyra sonorosa
e, de novo, os teus braços esforçados
aos céus levanta, á plaga luminosa
dos soberanos astros constellados,
e canta a grande rota temerosa
«por mares nunca dantes navegados»
terra do amôr, do sonho e do carinho
que de loiros juncaste o teu caminho...

Hoje, és liberto, ó velho Portugal!
das algemas dos velhos preconceitos,
que eram teu grande e mais vehemente mal!
Com os teus bronzeos grilhões aos pés desfeitos,
banhado no clarão da luz astral,
tens o esplendor radiante dos Eleitos,
terra do Bem, que o Bem protege e guia
sob as azas serenas da harmonia!

Busca na Europa inteira quem te iguale
nos feitos dos «barões assignalados»,
que a luz da tua gloria immensa vale
por todos os crepusculos doirados,
doirando um monte ou perfumando um valle,
doirando e perfumando os descampados,
os descampados de cançar a vista,
ó Portugal da asiatica conquista!

O' patria azul, de azenhas e levadas,
berço de immensas gerações de heróes!
banha, outra vez, o aço das espadas
na luz tremente dos trementes sóes.
Volve outra vez ás velhas alvoradas
aos teus passados grandes arrebóes,
ó terra dos trigaes de oiro ondeando
ao sol, da terra o mais fecundo e brando!

Patria dos meus avós! Patria mais rara,
no amôr, que as finas joias de Ceylão!
«Se mais terras houvera lá chegara...»
eu tenho escripto no meu coração!
Patria verde, o teu sonho verde ampara
com o sangue rubro da revolução,
tu, que venceste, ó loira Taprobana,
a bellicosa gente americana!

Thebaida em flôr de Anthero, feiticeira,
de guitarras e granjas e esfolhadas,
de rubro e verde enfeitas a bandeira
e de heroismo enfeitas as espadas...
Ai! quem me dera do teu leito á beira
ver as minhas perpetuas desfolhadas,
terra do grande amôr, da grande rota,
da padeira ideal de Aljubarrota!

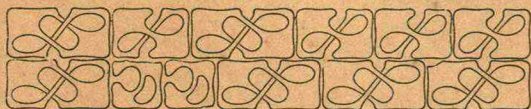
O teu Cinco de Outubro refulgente
quebrou-te os ferros dos herculeos braços,
pois que a força dos reis era impotente
para negar-te liberdade e espaços,
e, com arroubos, toda a culta gente,
vendo-te dalma os luminosos traços,
aos quatro ventos este, brando erguia:
—Ergue-te, ó Portugal! Ergue-te um dia!

Emfim te ergueste, no esplendor da lúa,
de tuas luas de Agosto suspiradas!
e, hoje, o teu grande sonho bom fluctúa
dos astros nas perdidas cumeadas,
onde, para a bandeira que é só tua,
foste buscar as côres desejadas...
Côres de murtas e de amendoeiras,
enfeitais a mais bella das bandeiras!

Como levaste ás Indias perfumadas,
de especiarias, tuas caravelas,
que entre peloiros e mortaes espadas
tu mais soubeste amal-as que vencel-as,
leva, de novo, as grandes e encarnadas
cruzes das Quinas das tuas brancas velas
ao norte, ao sul, ao rubido Poente,
volve, de novo, ás terras do Oriente!

Tu, que foste do Homero lusitano
a grande patria viride e feliz,
faze de náo, e corre a todo o panno
para o Oriente de violeta e liz,
porque não ha no mundo um taprobano,
ó doce patria azul de Dom Diniz
que te não queira no esplendor da gloria,
no alabastro purissimo da historia.

Papoilas dos trigaes vivas, sangrentas,
verde das folhas das murteiras, ride!
que o inverno com suas azas agoirentas
nem cresta o trigo nem requeima a vide!
E vós, Tagides loiras das violentas
ondas do Tejo, o meu cantar ouvide
com a doce e bella *Ignez posta em socêgo*
ás margens doces do ideal Mondêgo!

Terra de Viriato, entre os pastores
o maior dos pastores da Ulyssêa,
sobre o supremo amôr possues amôres,
sobre a Suprema Idéa tens idéa...
Portugal! ó jardim de eternas flôres,
patria da tuba bronzea da epopéa,
és tão grande que para te abrigar
o mundo tem de as terras alongar...

SIGRUNA

(De Suffling)

FOI nos dias remotos do reinado
de Haroldo.
A agreste e barbara Gotlandia
occultava uma perola: Sigruna,
filha de Heimdál, o intrepido corsario,
que um dardo, numa doida correria
aos *vikings* sangrentos, enfermara,
a ponto de, curvado, andar somente,
o bronze dos cothurnos arrastando,
sob a sua velha pelle de leopardo,
de carvalho apoiado a um galho tosco.

Tinha Sigruna dois irmãos, dois robles
de fortes Starkad e Helgi, que, empós
fechar Aletha, a mãe dos tres, os olhos,
nem um momento só lhe consentiam,
tanto a estimavam, que suas mãos bem feitas,
mais pura do que a neve ao sol do estio,
nem de leve, brincando, se manchassem
nos trabalhos do lar, onde imperava
com o duplo sceptro de mulher e anjo,
em franco e doce despotismo...

Um dia,
quando Sigruna, na eclosão radiante
da puberdade, mas se desdobrava
em virtudes e graças, da brumosa
Gotlandia as costas gelidas varreu
uma tormenta horrivel, que aos recifes
os barcos arrojava, coagulando
de corpos hirtos todo o mar revolto
que galgava feroz, de noite e dia
os penhascos, raivando, o nevoeiro
daquellas quasi inhospitas paragens
tornando inda mais triste.

O Fylja-Kowa
tentara embalde o temporal vencer,
partindo os mastros e rompendo as velas,
e, empós tres dias de crueis embates
com os vagalhões, os liquidos abysmos,
contra os coraes da costa sossobrara,
da sua brava gente se salvando
apenas tres grumetes corajosos
e Halfdan, o negro, um lepido islandez
de altivo porte e de feições bem feitas,
que, avantajado de estatura, dava
os ares de um atlante redivivo...

Nesses barbaros tempos afastados
tudo o que o mar ás praias arrojava,
homens e cousas, ao senhor da terra
pertencia de lei, e ao moço naufrago,
Halfdan, o filho da brumosa Islandia,
talvez pela arrogancia do seu porte,
coube a grande mercê de aos nobres filhos
do *viking* servir; os outros foram
arrotear o sólo do cultivo,
regar com o seu suor a terra estranha
a que o negro destino os arrojara
nas azas da borrasca inesperada.

Passaram tempos, e o islandez, um dia,
fallou do seu resgate (a primavera
tinha chegado e as candidas violetas
floresciam nos valles da Gotlandia),
e o genitor guerreiro de Sigruna
humanizou-se, empós lh'o concedendo,
e para suavisar-lhe a servidão,
de ahi em diante, em casa o admittiu
como liberto.
Não tardou que Halfdan,
com os seus modos distinctos, dominasse

completetamente o coração sem mancha
da filha do *viking,* cujo affecto
recolheu no sacrario do seu peito
entre innocentes sonhos, suspirando
por, um dia, lhe dar a mão de esposa.

O amôr, porém, é como a luz, não póde
por muito tempo estar coberto. Os olhos
de Sigruna, de breve em breve instante,
de serena paixão se illuminavam,
trahindo-lhe do seio as castas ancias
e os ardentes desejos incontaveis
velados de suspiros repetidos...

Advertiu Heimdal o moço escravo
das suas condições de estranho e pobre
indigno de erguer até Sigruna
os olhos em que o amôr se reflectia
como num vivo, num fiel chrystal,
e, reunindo os filhos, o corsario,
celebrou, em familia, uma entrevista.

Starkad, de cenho carregado,
— «quem é este islandez, mestre em aventuras
de amôres?» perguntou. «Quanto sabemos
delle a bem pouco se reduz. Talvez
seja um proscripto, um pária...»

E, a mão rugosa
estendendo, pensou Heimdal assim:
«Seja o que fôr, o que é verdade é que elle
nos ama e é bom; seu porte denuncia
um fidalgo; se fosse um vil proscripto,
um homem sem fortuna...»
—«Bem depressa
o saberemos», disse Helgi, o pae,
com um gesto de respeito, interrompendo.
—«Já vão deitando os seus primeiros ramos
os abetos, e Halfdan quer remir-se
quando os primeiros gelos se derretam.

No entretanto, ó pae, faz-se mister
que o separes da vista de Sigruna,
porque tempos virão em que saibámos
se elle merece mesmo a nossa irmã».

E o formoso islandez para distante
foi enviado, para as longes terras
de Heimdal. Era uma sabia precaução.

Mas, sendo livre, eram seus passos livres,
correria por onde lhe aprouvesse
a vontade, e durante ess'outro exilio
involuntario, a que se foi morrendo,
mais de uma vez com a virgem dos seus sonhos
se encontrou, num recanto ignorado
da costa, ás bordas dum *fjord* azul,
cujas aguas feridas de soslaio
por um tristonho sol desfallecido
reflectiram, com amôr, por muitas vezes
dos dois amantes a querida sombra
no fundo em paz dos olhos se mirando...

As violetas seu perfume agreste
diffundiram nos valles da Gotlandia,
e, ao despontar de um quente e claro dia,
ao lar de Heimdal foi bater Halfdan
e pediu ao *viking* ternamente
a linda mão fidalga de Sigruna.

Chamou o ancião os filhos a conselho,
e, depois de fallar-lhes longo tempo,
o caso decidido, Heimdal sereno
disse ao moço islandez:

—«Eu de bom grado
te chamaria filho meu, se a minha
consciencia cruel não m'o impedisse.
Até, neste momento a menor prova
não tenho de que sejas, como dizes,
filho de *kraki* do paiz da Islandia,
e ninguem entre os nossos te conhece.
Por teu gentil aspecto pareces
de boa estirpe ser, e, na verdade,
tuas maneiras e teu ar são dignos
do valoroso *kraki* de Reikvaldi.
Como um livro tu fallas e o que pensas
bem podes escrever e até cantar
podes as *sagas* dos combates nossos».

E Halfdan mordendo até sangrarem,
os labios, sem dar visos de vencido,
enviou aos guerreiros de Heimdal todos
e aos anciões tambem uma mensagem,
a conselho no templo os convocando.
E a sapiencia e a força reunidas
ouviram de sua sua bocca a affirmativa
de ser filho do *kraki*, homem famoso
entre os famosos pelo forte braço,
e a tempera de bronze da sua alma.
Muito dos circumstantes conheciam
suas viagens por diversos mares
ou, de ouvido, sabiam das façanhas
por elle em correrias praticadas.

Mas o moço, captivo duplamente,
do *viking* e dos olhos de Sigruna,
fallaria a verdade? Um só presente
não quiz o assegurar. E era mistér
que qualquer juiso, então, se suspendesse,
até que o islandez trouxesse as provas
do que dizia, sob a grave pena
de ser por impostor alli tomado
e á solidão do pária sacodido.

Halfdan, então, com as faces incendidas,
avançou para o centro do conselho,
e, levantando a dextra, reptou
os irmãos da escolhida da sua alma

para a mortal e tragica *holmganga*,
e, como taes combates, no paiz,
com pequena demora se travavam,
alli mesmo ficaram decididos
o dia e a hora do fatal encontro.

No valle fronteiriço, entre os dominios
de Heimdal o Torkettel, o rio Rut
em dois braços se abria, separado
violentamente por pequena ilha
quasi despida de arvores e lugubre.
Ahi se realisavam quasi sempre
as velhas e sangrentas *holmgangas*.

quando passava a epocha das cheias
e tornava a surgir de sob as aguas
aquella rocha hispida ensopada
no sangue marcial de mil valentes.

Quando um combate se feria, os juizes
da liça sobre a molle e verde relva
uma capa estendiam, que era o espaço
marcado para os fortes combatentes,
e em cada extremo de carvalho um ramo
cravavam, para que não transpozessem
os limites do campo do litigio...

Eram severas da *holmganga* as regras
somente por um pé fóra do *hoslur*
(o limite do campo), isto importava
na derrota completa do inimigo;
se em vez de um pé, os dois o traspassavam,
por fugido se tinha o combatente
e, com a humilhação de ser vencido,
a sua nunca vista cobardia
alta se apregoava aos quatro ventos.
O adversario, então, ferido e inutil
para de novo arremessar-se a liça
se prostrava a mercê do antagonista,
porém, podendo resgatar a vida
mediante a somma de seis marcos de oiro.
Este resgate vilipendio algum
trazia para quem o utilisava,
antes, pelo contrario, o disputante
por gentil cavalleiro era tomado
e espelho de valentes paladinos.

Na manhã do combate se agrupava
do Rut ás margens quasi toda a gente
dos logares visinhos, não havendo
um peito feminil que não batesse
nem coração de heróe que não pulsasse,
perante as consequencias da *holmganga*:
um ou dois mortos sobre o livre campo
por amôr de Sigruna, mais formosa
que todos os *fjords* da Gotlandia...

Levantou-se um rumor entre os presentes.
Heimdal, sereno, sob as cans, a um ramo
de carvalho apoiado, lentamente
para a liça avançava, sobre os hombros
trazendo a velha pelle de leopardo
e, empós, Helgi e Starkad, por parentes

seguidos, mais escravos predilectos;
fechava a comitiva Halfdan, o negro,
soberbo de attitude e de maneiras,
com os cabellos ao vento fluctuando,
descalço, como os seus adversarios
tendo uma branca tunica cingida
e sobre a mesma, a *brinja* de combate,
uma cota de malha espessa e forte...

As armas do dóesto eram a espada
de dois gumes e o escudo arredondado,
de coiro, forte, e incrustações de bronze.

Antes de mais ninguem pisou na ilha
o soberbo islandez. Suas fortes pernas,
ao vadear do Rut as aguas claras,
sobre que fluctuavam, rebrilhando
ao sol, agulhas limpidas de gelo,
saltar faziam para o ar milhares
de scintillantes gottas chrystallinas.
Ao pisar arrogante a terra firme
beijou, com arroubo mystico, da espada
os copos e passou o olhar sereno
sobre os olhos castissimos da amante.

Helgi, em seguida, atravessando o rio,
foi postar-se de joelhos de Sigruna
aos pés, e as faces desta se cobriram
de uma celeste pallidez de morte,
com o temor de seus candidos amores
ver manchados de sangue para sempre,
e, vendo o olhar que lhe enviava o amante,
das captivas nos braços desmaiou
e cahiria, se não reclinasse
o corpo sobre umas pequenas rochas
por um coiro de antilope cobertas...
Houve um silencio tragico e profundo,
e, em seguida, o signal se deu da lucta

com o ondear da grande multidão:
bem no centro da ilha os combatentes
occuparam, serenos, seus lugares,
medindo-se com o olhar, serenos ambos.

Em frente de Halgi o islandez lhes dava
os ares portentosos de um gigante,
mesmo sendo de esplendida estatura
o irmão de Sigruna, a virgem loira,
a causa involuntaria do doésto,
e, galhardo e impassivel, esperava
como se fosse em marmore talhado,
do inimigo a mortal acommettida,
sem delle um instante desviar os olhos.

Depois de um breve instante, dando um salto
Halfdan, e a espada intremula brandindo,
deixou-a descahir pesadamente
sobre a cabeça de Helgi, protegido
por um elmo de bronze reluzente;
este logo se pondo em defensiva,
cobriu-se logo com o redondo escudo
de que um lado, levado pelo golge
do islandez, foi parar dentro do Rut,
e, vacillando as pernas, promptamente,
o golpe respondeu do adversario

Viu-se, então, do *viking* o esbelto escravo
todos os seus esforços pôr em jôgo,
e a espada scintillante, de dois gumes,
naquellas bronzeas mãos multiplicava-se,
descarregando golpe atraz de golpe,
a que debalde se esquivar queria
Helgi, com os olhos de furôr accesos.

Em dado tempo, penetrando as malhas
do resguardo do hombro de Helgi, a ponta

do aço do islandez rasgou-lhe as carnes
e o sangue em borbotões jorrou vermelho
tingindo a capa sobre a liça aberta.
Mesmo assim proseguiu elle a luctar
com mais bravura e com maior furôr,
sob os olhos tristonhos de Sigruna
abertos, como num mortal espasmo,
e repassados de um terror intenso,
varias voltas ao *holme,* sem um golpe
decisivo ser dado, um golpe apenas...
De subito o islandez treme e vacilla
do adversario ás fortes investidas,
e mais um passo cahiria ao Rut;

fazendo um esforço sobre os membros lassos
procurou defender-se o mais possivel
dos golpes do *soex* do adversario;
um descuido, porém, quasi em seguida,
pôl-o a mercê do filho do *viking*
que lhe cahiu a fundo, como um raio,
abrindo-lhe na perna um fundo golpe.

Entre as mulheres levantou-se a grita,
e os applausos vehementes estrondaram,
mas, vendo todos que Halfdan não dava
pela ferida de onde se escapava
um regueiro de sangue, pouco a pouco
foi cessando o discreto enthusiasmo,

e houve um grande palpitar de assombro,
vendo o islandez, com novas energias,
voltar á sua primeira accommettida,
cuja espada, de ahi a um breve tempo,
atravessava o escudo do inimigo
cortando-lhe bem fundo o braço esquerdo.

Ouviu-se, então, todo um clamôr de angustia,
e o filho do *viking*, vacillando
as pernas, foi cahir dentro das aguas
do Rut frio, como um corpo morto.

O formoso islandez tinha vencido!
— «Holmlansu! Holmlansu!» irado disse
Halfdan, vendo que o dinamarquez
da sua derrota a confissão suprema
á vista dos presentes demorava.

Foram momentos tragicos aquelles
interrompidos por um grande gesto
de Heimdal, que á altura da cabeça
ergueu a dextra branca e encarquilhada:
era a acquiescencia á *holmlansu* feita.

Sigruna, de uma pallidez de neve,
tremendo como as virações os ramos
mais tenros dos abetos, arrancou
dos seus cabellos, loiros como o dia,
os lindos ornamentos de oiro e prata
e quiz arremessal-os, em seguida
aos soberanos pés do vencedor;
Heimdal, porém, a tempo lhe acenando,
tranquillisou-a. Elle era assaz honrado
e rico, poderia alli contar
maior somma de marcos que a exigida
pelas leis da *holmganga*, se o exigisse
a cubiça do lepido islandez.

Empós um grupo de guerreiros, vendo
a prostração de Halfdan, cujo golpe

sangrava immensamente, se achegou
do vencedor, e, atando-lhe a ferida,
deu-lhe a beber duas vezes o hydromel
reconfortante, e o capacete ferreo
lhe tirou juntamente com a pesada
cóta, e, com as aguas da corrente gelida,
lavaram-lhe uma vez os membros frouxos.

Logo que se refez da atroz fadiga
o soberbo islandez notificou
do campo os juizes para nova lucta,
e, emquanto Helgi, ao lar se transportava,
nos braços dos valentes de sua tribu,
Starkad, a corrente atravessando
do Rut, cheio de odio, entrou na ilha.

O velho Heimdal dava o signal da lucta,
e, emquanto esta não recomeçava,
os dois rivaes, no campo se mediam,
de olhar feroz, mordendo dos escudos
as bordas, como era de costume
entre os mortaes combates dos *vikings*.
Gritos e mordiduras se alternavam
com o barbaro brandir dos rijos ferros,
como se os dois luctassem braço a braço
com fortes inimigos invisiveis,
até que atroou na immensidão dos ares
o clangôr das buzinas, despertando
os valles, que de nevoas se cobriam,
que era o féro signal da nova lide.

E os combatentes seu logar tomaram,
um defronte do outro. O novo encontro,
ia ser mais terrivel; que Starkad
em vigor e estatura ultrapassava
o irmão vencido.
Rebrilhava agora
o sol com toda a força dos seus raios,
arrancando das cótas e dos elmos
vivos feixes de chispas diamantinas.

Buscavam um ao outro os dois valentes,
como tigres no cio, de raivosos,
entre espantosos golpes, cujo embate
fazia que os anneis das armaduras
lhes entrassem rasgando pelas carnes.

Depois de curta pausa em que os rivaes
anhelantes da lucta descançaram,
apoiando-se aos copos das espadas,
disse o islandez ao filho do *viking*:
—«Não te rendes?»
«Render-me? Nunca! Nunca»
volveu-lhe o contendôr. «Talvez vós outros
usem na fraca Islandia esta pergunta.
Aqui não conhecemos tal palavra...
Vem, Odin, grande deus, em meu auxilio!
Emquanto a ti defende-te, islandez!

Starkad, com um grito de selvagem,
de novo arremetteu com immensa furia
contra o rival. Zuniu o ferro e um ferro
cedeu, de fraco, ao peso de outro ferro
e o collosso da Islandia, se ajoelhando,
cahiu, ao mesmo tempo que voava
para o rio, direito como um dardo
a espada de Starkad em dois pedaços;
era a derrota, era a deshonra, impostas
pelos fados ao filho do *viking*.
Restava-lhe, porem, sua forte adaga
e, rapido, empunhando-a febrilmente,
dispõe-se a repellir novos ataques.

Foi do combate a hora culminante:
Sigruna, sobre os braços dos escravos,
num profundo deliquio desmaiara;
seu fraco coração de anjo e mulher
á cruel commoção de aquelle instante,
como uma ave ferida, se rendera.
Heimdal, tremendo todo e apavorado,
té a margem do Rut se arrastou
e, os braços estendendo para o grupo
dos feros combatentes, supplicou:
—«Halfdan, basta! Nem um golpe mais!
pára, nobre mancebo! Não me mates
Starkad, o meu filho, o primogenito,
que a *holmlaksu* te darei dobrada!»

Cégo com o grande orgulho da victoria,
ameaçador, homerico e terrivel,
Halfdan foi direito ao adversario,
sem ouvir as palavras do ancião...
E o *viking* de novo lhe bradou:
—«Piedade, islandez para o meu filho!
Respeita as minhas cans! E sobretudo,
por Odin, não te esqueças de Sigruna
cuja mão bella e casta tu desejas»!»
E isto dizendo se prostrou de joelhos
com as mãos ambas cobrindo o nobre rosto,
entre fundos soluços e gemidos,
vendo que a espada do guerreiro negro
sobre a cabeça de Starkad, em giros,
tinha crueis relampagos de sangue...

E aos ares atroou um immenso grito
de milhares de boccas arrancado:
o filho do *viking* reclinando
sobre o peito a cabeça fulva e bella,
pôz-se a mercê do bravo antagonista.
Moedra, porem a espada do islandez
em vez de decepar do vil vencido
a loira e bella e marcial cabeça,
rodou nos ares e se foi juntar
no Rut, sob as claras aguas gelidas,
de Starkad á lamina brilhante
e rija, ha pouco feita em dois pedaços...

O vencido pensou que o adversario
á adaga nova lucta preferia
e, entre os dedos crispados bem firmando
a sua, preparou-se, com coragem
para bem caro lhe vender a vida.
Os combatentes lassos e feridos
mediram-se outra vez da fronte aos pés,
sem dar caso do sangue que escorria
dos seus corpos em rubidos regueiros.
Era o feroz momento decisivo,
e o nobre Heimdal bradou com voz dorida:
—«Detem-te, filho meu! Detem-te Halfdan!

Eu mando-o agora!» E, tremulo, o ancião,
o rio vadeando, na outra margem
pisou, seguido dos escravos, indo
entre os dois combatentes se interpôr.

—«Prohibo um novo ataque! A mim, meus filhos
em nome destas cans! Tu, Starkad
como um heróe bateste-te. Mas tu,
Halfdan, mais fizeste, demonstrando,
de um modo terminante, do teu sangue
a poderosa e ingenita nobreza;
ninguem, senão um homem de alta estirpe,
se teria portado como ha pouco
te portaste!»

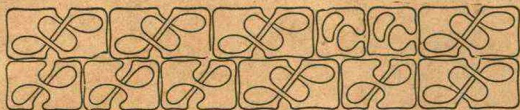
Depois aos sacerdotes
e aos guerreiros alli se dirigindo
disse, os dois contendores reunindo
num forte abraço:
—«E sabereis vós outros
que a Halfdan, homem nobre entre os mais nobres,
capaz de se bater com cem valentes
dou de Sigruna a mão, dando a meu filho,
tambem valente para cem valentes,
todas as minhas terras de Boosad...

AS ARVORES

QUANDO a canção da tarde de oiro e arminho
envolve a terra e o ceu num só gemido
as solitarias arvores, baixinho,
conversam como nós. Moças, sentido!

Diz uma que de beijos no caminho
anda um rumor perpetuo desparsido,
ao que outra diz, a rir, quietando um ninho,
que abraços longos mil têm surprehendido.

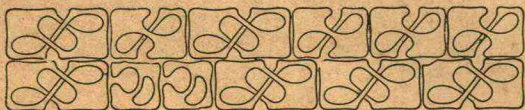
E as aves das agrestes solidões
ouvem tranquillas tudo, e vão bordando
de segredos as sêdas das canções...

Sentido! E o brando olhar mais aguçado,
que o que dizeis e murmurais baixinho,
moças, sabem-no as arvores. Cuidado!

MINEIRO

MAL no horizonte vivo arde o brazeiro
do sol a filha loira acaricia,
e beijando a mulher, desce o mineiro
á profundez da escura galeria...

Trabalha sem cessar o dia inteiro,
mas quantas vezes no correr do dia
não lhe passa no olhar, como um pampeiro
de dôr, a filha amortalhada e fria.

Mas nos seus olhos, onde é extincta a aurora
do pranto, faz-lhe o amôr a maravilha
de despertar-lhe as lagrimas, e chora...

Não lhe roubasse o ceu seu anjo loiro
pois preferia não perder a filha
a encontrar um filão macisso de oiro!

SAUDADE

SAUDADE. O sol a se esconder. O gado
descendo a serra longe entre mugidos
tristes. A voz do córrego anilado
enchendo a tarde branca de gemidos.

Saudade! Eu pequenino. O olhar sagrado
de minha irman contando a meus ouvidos
a historia de algum Rei Moiro encantado
á voz das rolas dos sertões perdidos...

O velho alpendre á mansa claridade
do luar como em sonhos, despontando
entre as saudosas arvores. Saudade..

A mãe da lúa as queixas desfiando
e minha mãe branquinha de piedade,
deante do altar do Bom Jesus rezando...

SOROR THEREZA

E um dia, as monjas foram dar com ella,
morta, da côr de um sonho de noivado,
no silencio christão da estreita cella
labios nos labios de um Crucificado...

Somente a luz de uma piedosa vela
Ungia, como um oleo derramado,
o aposento tristissimo de aquella
que morrera num sonho sem peccado.

Todo o mosteiro encheu-se de tristeza,
e ninguem soube de que dôr escrava
morrera a divinal soror Thereza...

Não creio que do amôr a morte venha,
mas sei que a vida da soror boiava
dentro dos olhos do senhor da Penha...

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br